

Os comunistas brasileiros (1945-1956/58) – Luiz Carlos Prestes e a política do PCB

ANITA LEOCÁDIA PRESTES

São Paulo: Brasiliense, 2010, 192p.

JOSÉ ROBERTO CABRERA*

Os estudos realizados por Anita Leocádia Prestes, em sua totalidade, fazem parte daqueles que buscam registrar as lutas sociais, resgatar seus significados e refletir sobre a sua própria história, analisando não apenas as ações do PCB como eixo central, mas situando-as num conjunto mais amplo de conflitos e contradições marcantes da sociedade brasileira.

O estudo sobre a ação política das organizações operárias implica uma reflexão, não somente monográfica, mas fundamentalmente política, acerca das determinações econômicas, sociais e culturais da formação socioeconômica do capitalismo brasileiro sobre a formação do proletariado nacional.

No livro *Os comunistas brasileiros (1945-1956/58) Luiz Carlos Prestes e a Política do PCB*, Anita Prestes avança no seu inventário político e teórico sobre a atuação do PCB e de Luiz Carlos Prestes composto por outros volumes já conhecidos, como *Uma Epopéia Brasileira: a Coluna Prestes, Luiz Carlos Prestes e a Aliança Nacional Libertadora: os caminhos da luta antifascista no Brasil (1934/35)* e *Da insurreição armada (1935) à União Nacional (1938-1945): a virada tática na política do PCB*. Ao abordar o período de 1945 a 1958, Anita realiza uma reflexão que insere a atuação do PCB numa conjuntura definidora

* Cientista político.

de linhas de ação que, de alguma maneira, estruturam o debate sobre a ação dos comunistas até os dias de hoje.

Um dos méritos desse estudo é situar as oscilações da política pecebista do período no interior dos conflitos nacionais e internacionais que a conjuntura impunha à atuação dos comunistas. Portanto, analisar o grau de autonomia e originalidade das formulações marxistas no Brasil, concentradas em grande parte em torno da ação dos comunistas, é situá-las dialeticamente entre os determinantes políticos, ideológicos, econômicos etc., produzidos num processo de expansão do capitalismo nacional, repleto de contradições inerentes à nossa formação socioeconômica, premido pela dinâmica das relações internacionais que se constituíam no contexto da Guerra Fria.

Nesse complexo de determinações estruturais, Anita Prestes ressalta o papel desempenhado pela liderança de Luiz Carlos Prestes e destaca o modo como a estrutura partidária teria se relacionado com o seu legado político. O período de nove anos em que Prestes é confinado pela ditadura varguista mantém-no em completo isolamento, enquanto a estrutura partidária se refaz da dura repressão estadonovista. Nesse processo, a reorganização do partido empreendida a partir da Conferência da Mantiqueira, em 1943, impõe uma dinâmica da qual Prestes está distante, mas seu nome não. Em certa medida, Anita Prestes sustenta que a CNOP (Comissão Nacional de Organização Provisória) representa a vitória do grupo hegemônico capitaneado por Diógenes Arruda e que vai orientar os rumos do partido no período.

A autora sustenta que a indicação de Prestes à secretaria-geral do PCB, a criação do mito em torno de seu nome, o isolamento da vida partidária (imposto, sobretudo, após a cassação da legenda e dos mandatos comunistas em 1947), a manutenção de uma orientação nacional-libertadora, assim como o desenvolvimento de uma oscilação tática à direita em 1945-1947, a guinada à esquerda nos anos seguintes (1948, manifesto de agosto de 1950, IV congresso em 1954) refletem a atuação do grupo majoritário que mantinha um controle expresso sobre a vida de Prestes, que, distante da vida partidária, pouco interferia, ainda que, submetido ao centralismo democrático, aceitasse as determinações do coletivo dirigente.

Anita Prestes baseia seus estudos num farto material composto de um conjunto de gravações realizadas com Prestes onde este expõe tais conflitos de modo mais claro. Ainda que a autora avalie um conjunto de outras obras que tratam desse relacionamento conflituoso, o material primário se põe como um referencial básico para a reconstrução do período avaliado, embora não se apresentem, além da história oficial do partido, elementos que pudessem oferecer uma perspectiva alternativa dos eventos abordados.

As lutas pelo controle do PCB, o papel desempenhado por Prestes e seu legado se desenvolvem nos trilhos de um debate estruturante na história dos comunistas brasileiros em torno das etapas da revolução e dos métodos a serem empregados na conquista dos objetivos estratégicos. Anita Prestes aponta a presença de um

forte componente nacional-libertador na ideologia do PCB, que estaria presente antes da entrada de Prestes e que se manteve ao longo da história do partido. Essa característica teria permitido, em vários momentos, idealizar uma burguesia nacional com interesses contrários aos do imperialismo e que definiria não apenas os marcos da luta nesta etapa da revolução como também as opções táticas em cada período.

Assim, as oscilações à esquerda e à direita do período punham-se como resultado mais direto das dificuldades em se estabelecer lutas conjuntas e alianças sustentáveis com esses setores do que propriamente rupturas e transições em relação às tarefas ou à visão “etapista” da Revolução brasileira.

Desse modo, a aproximação com Vargas no final de seu governo, a política de “apertar os cintos” e o esforço em torno de uma constituinte democrática revelam convicção em isolar entreguistas e imperialistas. Já a guinada à esquerda a partir de 1948 não supera o etapismo, mas limita o quadro de aliados internos capazes de integrarem uma frente nacionalista democrática e anti-imperialista. As contradições que culminaram com o suicídio de Vargas impuseram um novo arranjo de forças, obrigando o próprio PCB a rever seu posicionamento, aproximando-se dos trabalhistas e do nacional-desenvolvimentismo de Juscelino, e expõem um quadro complexo, que se relaciona com a permanência de uma perspectiva nacional-libertadora da revolução brasileira.

Ao referir-se à permanência dessa perspectiva nacionalista como marca fundante do PCB desse período, a autora sugere estarem aqui as bases para o entendimento da orientação política do partido no período. Para ela, o “núcleo dirigente empenhou-se na construção de uma estrutura partidária que correspondesse aos objetivos políticos traçados, ou seja, à defesa da soberania nacional, entendida como fruto do desenvolvimento de um capitalismo autônomo no Brasil” (p.54).

Segundo a autora, a consolidação dessa perspectiva e o abandono dos objetivos estratégicos deitaram condições para o desenvolvimento de um reformismo no interior do PCB, que culminou no afastamento de Prestes em março de 1980.

Anita Prestes ainda aponta a existência na historiografia de uma tendência que atribui a Prestes, em função de seu histórico, a responsabilidade pela introdução de uma visão golpista e militarista da política no interior do PCB. Contrária a essa perspectiva, sugere que tal tendência estaria arraigada na sociedade brasileira, oligárquica e antidemocrática, e que tanto a Internacional Comunista como o PCB já partilhavam dessa mesma orientação antes mesmo da adesão de Prestes ao partido.

Parte integrante do MCI, o PCB, que teve seu desenvolvimento condicionado pela dialética da luta de classes em nível nacional e internacional, não ficou imune aos desdobramentos que se seguiram à morte de Stalin e à divulgação do relatório secreto de N. Krushev por ocasião do XX Congresso do PCUS em 1956. Ainda que seja um tema repleto de contradições, polêmicas e controvérsias, Anita Prestes sustenta que tal situação permitiu o desenvolvimento de tendências que tiraram o PCB, de acordo com sua visão, das amarras impostas pelo grupo hegemônico

preso ao nacionalismo. As práticas empreendidas pela direção do PCB durante o governo Juscelino já indicavam uma tendência menos golpista e mais democrática, contrariando as orientações programáticas de 1954.

A Declaração de março de 1958, influenciada pela política de coexistência pacífica e da transição democrática, é apontada como um divisor, não apenas teórico e programático, mas também político no interior do PCB, que teria permitido um rearranjo de forças capaz de retirar Prestes de um isolacionismo e realocar o grupo dirigente.

Em suma, ainda que se ponha por objetivo refletir sobre um partido e os efeitos da ação de sua principal liderança, sua obra ressalta uma complexidade política, teórica e humana que acompanha toda ação transformadora, resumida em parte por Marx:

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem: não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, ligadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos.

CABRERA, José Roberto. Resenha de: PRESTES, Anita Leocádia. Os comunistas brasileiros (1945-1956/58) – Luiz Carlos Prestes e a política do PCB. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.32, 2011, p.187-189. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.32, 2011, p.191-194.

Palavras-chave: Comunismo; Brasil; Luis Carlos Prestes; PCB.